

**Dossiê: A antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas,
metodológicas e éticas****Um estudo socioantropológico acerca da percepção:
a experiência de interrupção do olfato e paladar no
contexto da Covid-19****Rodrigo Ferreira**Universidade Federal da Paraíba
rod.ferreira31@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-0789-1937>**Lays Lopes**Universidade Federal da Paraíba
layslopes@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-0552-0921>**RESUMO**

O artigo se debruça sobre as experiências corporais da interrupção do paladar e do olfato — anosmia — provocada em pessoas acometidas pelo SARS-CoV-2, contaminadas com Covid-19. Impactando o corpo, a anosmia apareceu como um dos sintomas mais característicos da Covid-19 em sua primeira onda e foi identificada em 86% das pessoas infectadas pelo novo coronavírus. A experiência da interrupção dos sentidos afetou as sensações corporais, mas também as pessoas considerando dois aspectos: I) o fato de que a ausência desses sentidos atestava a infecção pelo novo coronavírus e conseqüente ameaça à própria vida; II) a incerteza sobre o retorno à normalidade. O método empregado para a produção dos dados foi subdividido em duas etapas: a primeira, na finalidade de segmentar e localizar o objeto de estudo, partiu da aplicação de um questionário online disparado através das mídias digitais e rede de profissionais da pesquisa ligados aos autores. Desta etapa, foram coletadas 35 respostas; a segunda, foi explorada a jornada narrativa, a partir de um roteiro semiestruturado, de três pessoas que vivenciaram a interrupção dos sentidos olfato e paladar. No perfil dos entrevistados são comuns as características: ser da região Nordeste, não perderam parentes próximos para a Covid-19 até o momento da entrevista e possuem nível de escolaridade, pós-graduação. O choque aparece como categoria observada em quatro momentos de impacto com o novo coronavírus: I) o choque da informação, midiático; II) do contágio; III) da interrupção; IV) do retorno.

Palavras-chave: Anosmia; Coronavírus; Corporeidade; Antropologia da Saúde e da Doença; Percepção.

A socio-anthropological study about perception: the experience of interruption of smell and taste in the context of Covid-19

ABSTRACT

The article focuses on the bodily experiences of the interruption of taste and smell — anosmia — caused in people affected by SARS-CoV-2, contaminated with Covid-19. Impacting the body, anosmia appeared as one of the most characteristic symptoms of Covid-19 in its first wave and was identified in 86% of people infected by the new coronavirus. The experience of the interruption of the senses affected bodily sensations, but also people considering two aspects: I) the fact that the absence of these senses attested to infection by the new coronavirus and consequently threatened life itself; II) uncertainty about the return to normality. The method used to produce the data was subdivided into two stages: the first, with the purpose of segmenting and locating the object of study, started with the application of an online questionnaire sent through digital media and a network of research professionals linked to the authors. From this stage, 35 responses were collected; the second, the narrative journey was explored, based on a semi-structured script, of three people who experienced the interruption of their senses of smell and taste. The characteristics of the interviewees' profile are common: they are from the Northeast region, have not lost close relatives to Covid-19 at the time of the interview and have a postgraduate level of education. Shock appears as a category observed in four moments of impact with the new coronavirus: I) information shock, media shock; II) contagion; III) interruption; IV) return.

Keywords: Anosmia; Coronavirus; Corporeity; Anthropology of Health and Illness; Perception.

Un estudio socioantropológico sobre la percepción: la experiencia de interrupción del olfato y el gusto en el contexto de la Covid-19

RESUMEN

El artículo se centra en las experiencias corporales de interrupción del gusto y del olfato — anosmia — provocadas en personas afectadas por SARS-CoV-2, contaminadas con Covid-19. Impactando el organismo, la anosmia apareció como uno de los síntomas más característicos de la Covid-19 en su primera ola y fue identificada en el 86% de las personas infectadas por el nuevo coronavirus. La experiencia de la interrupción de los sentidos afectó a las sensaciones corporales, pero también a las personas considerando dos aspectos: I) el hecho de que la ausencia de esos sentidos atestiguaba la infección por el nuevo coronavirus y, en consecuencia, amenazaba la vida misma; II) incertidumbre sobre el retorno a la normalidad. El método utilizado para producir los datos se subdividió en dos etapas: la primera, con el objetivo de segmentar y localizar el objeto de estudio, se inició con la aplicación de un cuestionario en línea enviado a través de medios digitales y una red de profesionales de la investigación vinculados a los autores. De esta etapa se recogieron 35 respuestas; el segundo, se exploró el viaje narrativo, a partir de un guión semiestructurado, de tres personas que vivieron la interrupción de sus sentidos del olfato y del gusto. Las características del perfil de los entrevistados son comunes: son de la región Nordeste, no han perdido a familiares cercanos a causa de la Covid-19 en el momento de la entrevista y tienen nivel de educación de posgrado. El shock aparece como una categoría observada en cuatro momentos de impacto con el nuevo coronavirus: I) shock informativo, shock mediático; II) contagio; III) interrupción; IV) retorno.

Palabras clave: Anosmia; Coronavirus; Corporeidad; Antropología de la Salud y la Enfermedad; Percepción.

Introdução

Temos muito o que aprender, se nos permitirmos ser ensinados por outros com experiências a partilhar (Ingold, 2019, p.12).

O marco histórico e temporal da pandemia da Covid-19 — doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 — aparece como um acontecimento de grandes proporções. Provocou, abruptamente, uma alteração nas formas de vida, “distorcendo completamente a vivência anterior do sujeito e o coloca em contato com sentimento de imobilidade e impotência” (Silva; Bleicher, 2020, p. 97). O que impactou, simultaneamente, diferentes culturas e estruturas de sociabilidade em escala mundial. Esse contexto impôs desafios, desde a manutenção da vida, novos fatores de relação com uma doença e mudanças no estilo de vida; além de ter sua marca relacionada ao medo (Ribeiro, 2020)¹.

Associado aos novos fatos do cotidiano — limitações e restrições para trafegar em espaço público, serviços controlados em ambientes públicos ou mercado, interações sociais através das mídias digitais² —, o desconhecimento que pairou no primeiro ano da pandemia, produziu um conjunto de ações, discursos e práticas na finalidade de gerar mecanismos de proteção diante da propagação da doença (Segata; Schuch; Damo; VICTORA, 2021).

O conhecimento sobre os sintomas e propagação da doença também eram limitados e foram sendo conhecidos através da experiência empírica, da disseminação do novo coronavírus e dos estudos sistemáticos da saúde. Ann Kelly, Frédéric Keck e Cristhos Lynteris (2018) afirmam que a realidade contemporânea é ameaçada de epidemias e pandemias e, com isso, a “narrativa de surto” impulsionada por discursos políticos, ratifica a necessidade de que estudos ultrapassem a doença em si e as formas como afetam as relações sociais, mas que tenham como objetivo compreender seus efeitos. Este fato contrasta com a noção de experiência presente no pensamento de Alfred Schutz³ (1979;

¹ “Trata-se de todo temor totalizante sentido por todos os habitantes de um coletivo, na expectativa de uma enorme quantidade de mortes que potencialmente ou de fato atingirá a todos e acabará o mundo conforme foi conhecido até um determinado momento” (Ribeiro, 2020, p. 101).

² Utilizamos mídias digitais como as ferramentas online (*Facebook, WhatsApp, Instagram* etc.) para sinalizar um ambiente virtual de interações sociais. Não utilizamos redes sociais, pois este sinaliza um conceito base nas ciências sociais relativo aos espaços de sociabilidade e redes de interação.

³ Partimos da noção proposta por Alfred Schutz (1979) sobre experiência ao entender seu desenvolvimento e importância para a compreensão e significação do mundo. Para tanto, a construção

2018) e a construção de novos compêndios de dados para a formação de um novo conhecimento que percorre todo este artigo. A formação dos protocolos — sistematicamente dilatados sob o efeito e a capacidade de encontrar novas formas de proteção —, avanços e descobertas pelo campo da saúde e das práticas cotidianas-culturais encontram limites nas experiências prévias e formam o estoque de conhecimento⁴.

Além dos sintomas vinculados ao chamado quadro respiratório agudo (febre, tosse, dor de garganta, dor de cabeça, conjuntivite etc.), pode-se elencar aqueles com menor gravidade: dores nos músculos ou articulações, calafrios e tontura, congestão nasal, interrupção do olfato e do paladar (anosmia) etc. Estes figuram como alguns dos sinais corporais centrais para referenciar alguém que teve contato com o vírus (OMS⁵).

Com base nesse conjunto de sintomas e sensações corporais que passam despercebidos ao indivíduo, ou até são tomados em termos anedóticos, que nos motivam a pensar a temática a ser discutida nesse texto: corpo, experiência e doenças emergentes. Assim, buscamos refletir a experiência desse corpo social na condição da interrupção dos sentidos — olfato e paladar — e a produção de outros sentidos no contexto da pandemia da Covid-19.

A partir do entendimento que o corpo tem a dupla relação entre social e biológico, a antropologia oferece instrumentos para se pensar corpo, saúde, sociedade e cultura. Assim, partimos metodologicamente do corpo, não como um objeto da cultura, mas sendo a base existencial que atravessa o paradigma da *corporeidade* de Thomas Csordas (2008). O autor elabora o paradigma da *corporeidade* a partir de um exame crítico das teorias de Maurice Merleau-Ponty (1962) e Pierre Bourdieu (1977; 1984); ambos formulam a corporeidade, respectivamente, sobre *percepção* e *prática*, no domínio das dualidades, *sujeito-objeto* e *estrutura-prática*. Em Csordas (2008), a *corporeidade* é proposta como o paradigma que colapsa as dualidades e constitui o corpo como estrutura metodológica não-dualista

dessas experiências passa pela noção proposta de vivência, o qual pontua: o que vivenciamos na duração não é um ser, não é algo de fixamente delimitado ou bem-distinto, senão uma constante transição, de um agora-e-assim para um novo agora-e-assim. A corrente de consciência da duração interna é a princípio irrefletida; a reflexão mesmo já pertence, enquanto função do intelecto, ao mundo do espaço-tempo, dentro do qual nos deslocamos na vida diária. Assim a estrutura de nossas vivências se altera a depender se nos entregarmos ao curso da nossa duração ou refletimos sobre ela, na esfera abstratamente espaço temporal. (Schutz, 2018, p. 75).

⁴ Estoque de conhecimento é utilizado a partir da noção de Alfred Schutz (2018), ao elaborar um conjunto de experiências anteriores que formam códigos de referência.

⁵ Folha informativa sobre COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 25 jan. 2024.

(corpo-mente; sujeito-objeto). Nesses termos, corpo como *locus* da cultura, permite-nos investigar a experiência de estar no mundo através da linguagem na dimensão do corpo socialmente informado.

Os sentidos do olfato e paladar tem papel importante na experiência corporal e na relação dos corpos com o mundo ao redor (Mauss, 2003). O autor, apesar de não ter falado especificamente sobre esses sentidos, investigou como as práticas corporais são moldadas e influenciadas pelo contexto social que ocorrem. São expressões formadas coletivamente, dotadas de signos e símbolos como manifestações culturais, a exemplo dos ritos.

Em uma perspectiva sociológica, Bourdieu (1984), por exemplo, elabora as distinções sobre a formação do gosto, dos sabores, das preferências partindo da perspectiva de classe e estrutura. Degustar um alimento, que pode nos encaminhar para o campo da natureza, ultrapassa os fatores biológicos e se manifesta através da sociabilidade, marcada pela inserção do indivíduo na sociedade. Cheiros e gostos marcam memórias, despertam sentimentos e sensações; elaborados através de uma rede de interdependência relacional. Ter esses sentidos interrompidos parece descortinar uma outra percepção do mundo e, em um contexto pandêmico, onde diversos e diferentes alertas foram despertados, nos sentimos motivados a investigar: o que a experiência da perda desses sentidos (olfato e paladar) desvela sobre os impactos da pandemia na vida social?

Nesse estudo, interessa compreender que as experiências compartilhadas de diversos lugares sociais, compõem peças elementares para expandir, para além do ponto de vista biológico, a produção de novos compêndios de sociabilidades. A doença provoca mudanças na vida dos indivíduos e delinea uma reconstrução da vida (Kleinman, 1988). E nesse contexto do novo coronavírus os impactos e mudanças foram sentidas individual e coletivamente.

Dessa forma, o recorte temático deste artigo discute sobre como se formou um ambiente de pandemia, para além do adoecimento pela Covid-19, também a ameaça à vida, a insegurança econômica, as mudanças repentinas na vida social (isolamento, quarentena, ambientação das residências como local de trabalho) entre outros desafios. Assim, buscamos investigar a construção do adoecimento e os impactos na vida cotidiana, na sensibilidade dos indivíduos decorrente da interrupção e a recuperação do olfato e paladar.

As análises e reflexões resultam de um investimento em pesquisa realizada a partir da aplicação de questionário⁶, primeiramente fechado e disponibilizado através das mídias digitais — *Instagram e Facebook* — utilizando nossos perfis, e os de pessoas próximas. A pesquisa teve como objetivo identificar a existência dessa experiência corporal de anosmia e entender como essa se ancora na experiência de doença pela Covid-19. Essa distribuição aleatória do questionário teve a finalidade de recrutar, mapear e filtrar aqueles que apresentaram as condições para os objetivos do estudo e, em um segundo momento, utilizamos a técnica de bola de neve⁷, considerada com a finalidade de aumentar o alcance da pesquisa e explorar a relação do indivíduo acometido pela Covid-19 e anosmia.

O questionário esteve disponível pelo intervalo de 10 dias, sendo prorrogados por outros 10 dias. Ao todo foram coletadas 35 respostas, nas quais 11 pessoas informaram ter desenvolvido anosmia⁸, correspondendo a aproximadamente 30% dos respondentes. Para a segunda etapa, os participantes que apresentaram anosmia foram convidados, através dos e-mails informados durante o processo de preenchimento do questionário, para participar de entrevistas com roteiro semiestruturado, pela plataforma virtual *Google Meet*, com duração média de 50 minutos. Elas foram realizadas entre junho e julho de 2022.

No processo analítico algumas características de similitude apareceram entre os entrevistados: a) não tiveram casos de óbito em decorrência da Covid-19 na família nuclear ou extensiva; b) residem com familiares; c) estão na região Nordeste; d) são pós-graduados⁹.

Esse estudo aponta que a construção da memória, dos sentidos, da subjetividade e das ideias, frente a um mundo desconhecido (do adoecimento, interrupção dos sentidos de olfato e gustação), articulada por um conjunto de práticas que foram se moldando ao

⁶ O questionário foi aplicado através da plataforma *Google Forms*. Esse questionário foi organizado em torno do período 2020/2021, primeiro ano da pandemia, e trazia perguntas sobre as percepções que tiveram da realidade nesse período, como lidaram com a doença, quais sintomas etc.

⁷ Compreende-se como bola de neve, a técnica de replicação da divulgação das pesquisas por aqueles que responderam à pesquisa e passaram a divulgar entre seus pares. Diante do processo de intermediação para o encontro com os entrevistados, apresentamos uma nota: a pulverização e disparo da pesquisa centralizou a rede de contatos de ambos os profissionais da pesquisa que escrevem este texto. Isso sinaliza um campo de limitação, além de limites factuais que são estabelecidos através das mídias digitais. A noção de rede, limitada ao universo de uma rede de sociabilidade na internet, intermediada por algoritmos, restringem o raio de alcance.

⁸ A determinação do participante com anosmia partiu da autodefinição de terem perdido o paladar e o olfato durante manifestação dos sintomas da Covid-19.

⁹ Ver nota de rodapé 7.

longo do tempo pandêmico, foram, também, atravessadas por fatores políticos e ideológicos — que se apresentaram a partir de 2020.

Voltar o olhar para a experiência do adoecimento, implica em considerar o corpo e doença como parte do fenômeno da existência humana que constituem os fatos sociais e culturais. É ultrapassar a fronteira disciplinar do saber dominado pela biomedicina. A pandemia da Covid-19 produziu sofrimento em uma dimensão social que envolveu além de questões de saúde e bem-estar, processos políticos, sociais e econômicos.

Tal como nos lembra Tim Ingold (2015) sobre as diversas influências do lugar, do contexto e situações no ato de produzir ciência; ou Howard Becker (1993) sobre o *bias* na produção dos dados, não só o contato com o profissional da pesquisa que promove alterações no cotidiano tanto daquele que escreve, como daquele que é abordado. Mas a produção e o entendimento dos sentidos, durante a pandemia, estavam inseridas em uma emergência de um contexto precário e contingente. Em outras palavras, há diferentes camadas, variáveis e instituições para análise dos fatos, produtores dessas experiências: essas são as disputas discursivas; uma disputa envolvendo campos distintos legitimados ora pelo Estado, ora universidades, ora mídias televisivas, agentes públicos legitimados pela democracia etc.

Nesse ambiente de conflitos, mediados por agentes sem informações consolidadas, os discursos foram ponderados sem rigor ou mesmo critérios. Esse foi o cenário em que atuaram parte dos produtores de informações nas mídias, ou mesmo aqueles legitimados pelo campo da saúde, como é o caso da médica Nise Yamaguchi¹⁰; envolvida em disputas políticas ou protagonistas na produção de um discurso factual de condutas de proteção, contrários às recomendações apontadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Diante de um campo em disputa — dos poderes político, científico e econômico — falta de informações sobre prevenção, tratamento da doença, número de óbitos e de contaminação, um contexto precário da saúde da mundial, quais são os efeitos inseridos no corpo ou como se dá a produção de sentidos em um ambiente precário e contingente sobre os indivíduos? Como compreender a si, aos próprios sentidos e pensar a perda e o reencontro dos sentidos (olfato e paladar), naturalizados e construídos no cotidiano, reproduzidas mecanicamente pelo corpo e atravessadas por fatores políticos e biológicos?

¹⁰ Nise Yamaguchi é médica pela Universidade de São Paulo, defendeu o uso de ivermectina e hidroxiquina para o combate do coronavírus. Foi convocada para as oitivas da Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) para investigações da condução do Governo Federal face ao enfrentamento do número de casos. Yamaguchi esteve cotada para suceder o então Ministro de Saúde Luiz Henrique Mandetta em 2020.

A percepção, enquanto fenômeno entendido como tal, nos termos de Merleau-Ponty (2018) e o encontro com o eu subjetivo¹¹ (Schutz, 1979) são os pontos limitantes da narrativa, ao qual não encontram maneiras da explicação “não sei explicar bem”; “Eu também não sei se...”. Então, quais componentes sociais, culturais e simbólicos podem ser observados e podem ser relacionados com as mudanças na percepção através dos sentidos? A percepção do mundo através dos sentidos pode ter influências dos fatos sociais?

Este artigo está organizado em torno de quatro momentos: em primeiro, discute sobre como as narrativas e discursos produzidos na pandemia influenciaram na forma como os indivíduos criaram o ambiente social em torno dela; em segundo, apresenta a experiência e o relaxamento a partir do contato direto ou indireto com alguém infectado pelo coronavírus; em terceiro, o contágio e perda dos sentidos; e, por último, a recuperação dos sentidos. Para refletir sobre o objeto e produzir os dados de análise, este estudo tem como marco teórico: a fenomenologia social, noções de experiência e situações pós-traumáticas a partir de Alfred Schutz (1979); a fenomenologia e a noção de percepção a partir de Merleau-Ponty (2018) e Tim Ingold (2012). Sobre as técnicas empreendidas para realização das entrevistas e análise dos dados, partimos das formas utilizadas por Ecléa Bosi¹² ao falar sobre memórias de velhos, ao buscar compreender as sutilezas em camadas não ditas durante as trajetórias das pessoas com quem dialogou nas entrevistas.

Uma morte anunciada?

Tinha medo que isso durasse, que nunca voltasse ao normal, se isso vai passar (Maria, entrevistada, 2022).

Como se constitui a realidade com a Covid-19? O medo e sua produção aparecem como elementos centrais promovidos através da midiatização e informações desencontradas divulgadas em março de 2020. As informações e dados disponíveis sobre

¹¹ As limitações do “eu” no pensamento de Schutz (1979) e relação com a temática proposta, podem ser entendidas a partir de uma experiência inexistente durante a cotidianidade.

¹² A técnica empreendida durante as entrevistas em profundidade foi da captação da trajetória, memória e história dos entrevistados na finalidade de buscar, através das dinâmicas dos dias, a manifestação da construção da percepção sobre o cotidiano, os sabores, os cheiros, os sons. Para este feito, partimos da construção do roteiro e análise desenvolvida no trabalho de Ecléa Bosi ao enveredar no que chama de memórias de velho — grupo de pessoas com idades avançadas nas suas narrativas sobre o passado.

o vírus, a propagação, os sintomas e formas de tratamento eram desconhecidos. Esses fatores se consolidaram e produziram um campo para ser disputado, através de uma busca excessiva por explicações plausíveis de enfrentamento da Covid-19.

Os primeiros registros sobre o coronavírus na imprensa brasileira ocorreram no fim da primeira quinzena de janeiro de 2020. Em uma breve notícia publicada em 17/01/20, no jornal Folha de São Paulo, a realidade do contágio ainda era distante, descrita quase com displicência: “uma doença respiratória misteriosa que apareceu na China está gerando preocupação [...] a segunda pessoa morreu, dezenas de pacientes continuam infectados e a Tailândia acaba de anunciar um segundo caso”. Em menos de 30 dias, os jornais já nos haviam familiarizado com a epidemia e iniciavam a espera pela inevitável chegada do vírus ao Brasil. No dia 17/03/20, exatamente dois meses após a notícia que mencionava o vírus misterioso, os jornais estampavam em suas manchetes o anúncio da morte da primeira brasileira por Covid-19 – uma mulher de 57 anos, em São Paulo (Grossi; Toniol; Lozano, 2020).

Uma disputa narrativa instaurada utilizando-se de uma pretensa verdade e legitimidade discursiva, produziu caminhos de resistência e descrença frente à situação. O evento da pandemia se constituiu como um fato que ceifou milhões de vidas ao longo do planeta. Os discursos de dubiedade e descrença, motivados por interesses liberais e de manutenção da economia, geraram conflitos entre campos e visões de mundo distintos, como a ciência, a política nacional e internacional, bem como na realidade de cada indivíduo.

Lideranças políticas ao redor do mundo disputavam o protagonismo do discurso e da verdade, elaborando explicações e práticas discursivas¹³ dos efeitos da doença para evitar o isolamento social — enquanto os tratamentos medicinais não evitavam mortes — alegando que impactos econômicos e desemprego produziriam efeitos maiores que a doença (Schaefer, 2020). Essa foi uma estratégia assumida pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL¹⁴), o que refletiu em negligenciar ações e recomendações da OMS e demais especialistas do campo da saúde no combate ao alastramento da doença. Dentre as disputas internas no próprio Estado, o então presidente foi protagonista dos conflitos

¹³ Emprega-se práticas discursivas como uma estruturação de um campo discursivo, municiadas de um interesse relacionado às finalidades, expressa em um conjunto de ações ditas e não ditas, através do corpo e da ação, imbuídas de uma cosmovisão, e orientando entendimentos ou leituras do mundo (Laclau; Mouffe, 2015).

¹⁴ Jair Bolsonaro esteve presidente da República, filiado pelo Partido Liberal, entre 01 janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022.

diante das recomendações iniciais do próprio Ministério da Saúde e de seu ministro (Schaefer, 2020), o médico Luiz Henrique Mandetta¹⁵.

Os dados epidemiológicos não falam por si. Diante da polarização, foram atribuídos sentidos racionalmente direcionados a finalidade de elaborar um cenário turvo na ausência de vacinas ou medicamentos eficazes. A adoção de medidas de restrição e isolamento social se tornou um campo de disputas segmentado por linhas políticas (Camargo; Coeli, 2020). Independente das descrenças, a realidade estava consolidada como um objeto autônomo e autômato, sem que houvesse vontades contrárias.

Inicialmente fiquei preocupada, né? Muito medo. A questão de tirar a roupa quando chegava em casa, de tomar banho, de botar roupa para lavar, de deixar o sapato fora na área (D. Laura, entrevistada, 2022).

Muitas recomendações frente a um ambiente de incertezas, como D. Laura relatou, provocava um conjunto de ações e práticas diante de uma ideia de cuidado e segurança. A realidade posta pelo vírus, diante de medidas de proteção diversas, apresentava-se como a realidade factual em que D. Laura estava inserida.

Além desses cuidados, o uso ou não de máscaras gerou debates entre autoridades políticas e cientistas, deixando a população confusa em qual atitude tomar. A midiaticização e o excesso de informação (Rui; França; Machado; Rossi; Arruti, 2021) são os dois construtores do cenário de uma realidade social em 2020¹⁶. Publicações de grandes nomes da filosofia e ciências humanas, começam a debater e elaborar teses e críticas contra as limitações do sistema capitalista ou de biopolítica¹⁷ (tal como podemos ver nos artigos condensados na coletânea conhecida como “Sopa de Wuhan” (2020)¹⁸), seguidos de

¹⁵ Sul-mato-grossense, Mandetta esteve ministro da Saúde entre 2019 e 2020, quando foi desligado do cargo. Formado em Medicina, esteve deputado federal entre 2011 e 2019. Foi filiado ao partido Democratas (DEM) e atualmente (2024), está filiado ao União Brasil. Disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/160633/biografia>. Acesso em 25/01/2024.

¹⁶ O filósofo sul-coreano, Byung Chul Han, em sua obra *Infocracia* (2022), analisa os usos da informação em uma vigilância psicopolítica. O autor aborda uma crise envolta da noção de verdade, pois a operação e estímulos de ação mediados por reações de outros, dissuade a diferença entre mentira e verdade. Na infocracia, as disputas são operadas em torno da informação (Han, 2022).

¹⁷ Conjunto de práticas e estratégias de gerenciamento dos corpos. Argumento empregado por Giorgio Agamben (Agamben, 2020) no início da pandemia e refutado por Slavoj Žižek (Žižek, 2020). Disponível em: <https://www3.unicentro.br/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

¹⁸ Sopa de Wuhan é um compilado de artigos, textos e reflexões escritos por filósofos marxistas contemporâneos durante a pandemia na finalidade de entendê-la durante o período. Giorgio Agamben,

debates públicos por indivíduos que possuem a legitimidade e disputam a produção do conhecimento em torno do fenômeno.

Com disputas por uma verdade discursiva em diferentes campos da sociedade, os impactos nas políticas de cuidado frente aos interesses reprodutores tanto pela manutenção como pelo congelamento temporário da jornada de trabalho, produziam um estado de conflito e dúvidas por um demasiado conjunto de informações desencontradas. Em meio às disputas, medicações com comprovações de sua ineficiência para tratamento e compartilhada por profissionais da medicina com alcance midiático (Silva; Bleicher, 2020; Soares; Bonoto; Viegas; Salgueiro; Recuero, 2020), desenvolveram sentimentos de incerteza e insegurança naqueles restringidos em suas casas:

E eu tava em casa, em casa mesmo, deitado, e vendo as coisas no celular e meio que em choque (Diego, entrevistado, 2022).
Acompanhando programas de televisão, parece que uma coisa assim, se a pessoa tiver de covid e passar por mim, pronto, já me infectou (D. Maria, entrevistada, 2022).

A produção dos cuidados contra a Covid-19 e de um estado emergencial, com informações desencontradas e produzidas em excesso, coloca os sujeitos em situações desconhecidas da maneira de agir, criando uma cultura de medo diante das diferentes propostas de lidar com a propagação do vírus, tal como pontuado por Diego e D. Maria. O choque¹⁹ diante de um estado de exceção (Segata; Schuch; Damo; Víctora, 2021), preenchido com uma demasiada produção de informações, promovem um conjunto de ações e práticas incertas quanto a efetividade da proteção.

Essa percepção de uma realidade exacerbada, com informações desencontradas ganha outros patamares e se distancia da proposta de Barry Glassner (2000) ao descrever as noções de percepção de medo produzidos pela mídia. A comunicação e as informações em contexto da Covid-19, com diferentes pontos de contato com as pessoas (grupos de *Whatsapp*, fóruns, páginas da internet ou mídias digitais, vídeos de páginas de streaming, *Youtube*), ganha espaços, passa a dialogar e disputar o campo da verdade e da legitimidade,

Slavoj Žižek, Judith Butler, Alain Badiou são alguns dos pensadores e pensadoras preocupados em produzir reflexões durante o período. Ao fim, os textos, disponibilizados gratuitamente das mídias de cada pessoa escritora, foram organizados no compilado conhecido como Sopa de Wuhan.

¹⁹ Partiremos do uso da categoria de choque proposta por Alfred Schutz: “O choque, não é nada mais do que uma modificação radical da tensão de nossa consciência, fundada num tipo diferente de atenção à vida” (Schutz, 1979, p. 252).

produzindo uma experiência associada às formas de proteção. Dessa forma, o enfrentamento ao medo pontual estava em executar, sem critérios de definição, toda e qualquer medida que promovessem a segurança. Esse cenário fica conturbado, também, por “diversos determinantes associados a pandemia da Covid-19 que causam sofrimento psíquico, entre eles as contraditórias das autoridades” (Pfefferbaum; North, 2020, p. 102 *apud* Silva; Bleicher, 2020).

Esse é o que pontuamos como o primeiro choque — produzido por um conjunto exacerbado de informações desencontradas, disputando um campo científico e uma noção de verdade —, mesmo antes de um contato direto em si ou na rede de sociabilidade: o choque da informação. Mesmo sem que haja conhecimentos específicos sobre a situação que se figura, ações racionais de proteção ou convivência são tomadas:

E eu me lembro, que nesse primeiro dia [avó], ela falou: ‘vamos estourar o cartão de crédito, comprar o que pode e deixar aqui em casa, porque ninguém sabe como vai ser daqui para frente (Diego, entrevistado, 2022).

As coisas são realmente assim?

A gente viu que não é bem assim, né? Depois que a gente teve a Covid (D. Maria, entrevistada, 2022).

Ab, mas as mortes não estão acontecendo tão próximo de nós (Diego, entrevistado, 2022).

De que maneira as experiências do choque e do trauma passam por um processo de arrefecimento? Ter sido contaminada fez D. Maria concluir que as informações propagadas pelos jornais estavam em um tom que não dialogava com a realidade. Para ela, havia uma dissociação com a realidade, pois, no seu discurso, a gravidade não se materializa no seu cotidiano, na sua experiência direta com seu bairro e seus pares. Já Diego estava enxergando que essa situação grave de morte acontecia longe de sua realidade: “Antes de 2020 eu fiquei muito, vamos dizer assim, cômodo, porque eu sentia que talvez isso não chegaria aqui numa forma como chegou, sabe?” (Diego, entrevistado, 2022).

As noções e comentários propagados pela mídia tradicional confrontam com as experiências vividas pelas pessoas, ao passo que não encontram uma lógica condutora que dialoguem entre si. Havia um entendimento e uma distância entre o que se colocava

discursivamente e o que se objetivava em um cotidiano pandêmico. Isto é que aparece como pauta para Diego ao vivenciar e encontrar o confronto entre os polos das narrativas e da objetividade.

A constituição dos fatores objetivos e legitimados no cotidiano, orientados nas práticas de conduta de atores autorizados (os serviços legítimos e compreendidos como essenciais para a manutenção da vida cotidiana) a operar e transitar nas vias públicas, elabora uma realidade, ao passo que sua manifestação ocorria apenas discursivamente. Esse é o choque que opera entre o discurso elaborado pela mídia e as experiências individuais, tal como apresentado na narrativa de Diego, auxilia a entender a precariedade e contingência dos fatos na pandemia diante das medidas exigidas pelo sistema de saúde: “Poxa, as pessoas estavam mesmo mostrando os crachás [para acessar os serviços de transporte, equipamentos públicos etc.], era uma loucura. E eu tava em casa, em casa mesmo, deitado, e vendo as coisas no celular e meio que em choque” (Diego, entrevistado, 2022).

O crachá — instrumento e mecanismo utilizado para identificação de profissionais da saúde com autorização a transitar em locais públicos durante a pandemia — é empregado como ferramenta e objetiva o conjunto de narrativas e discursos que antes eram vistos distantes de Diego. Ao conferir as notícias locais, choca-se ao saber que a pandemia agora era uma realidade para ele também.

O evento pandêmico da Covid-19 configurou-se, em terminologia de Gondar²⁰ (Silva; Bleiche, 2020 *apud* Gondar, 2012), em um efeito traumático, quando, após sua passagem, os efeitos produzidos pelo período alteraram o conjunto de ações e práticas no cotidiano. Também, entende-se que a produção e visualização de traumas acontecem em momento posterior, quando ocorre o rompimento e o choque com o sistema de relevância (Schutz, 1979).

Meu marido teve a Covid sozinho, antes de nós todos termos. Ele teve e eu dormia com ele e eu não peguei, não peguei, né? E aí eu fiquei sem medo depois que ele teve e que eu não peguei e fiquei sem medo por que diminuiu mais, né? (D. Laura, entrevistada, 2022).

²⁰ O autor sugere que, o que causa o trauma não é, necessariamente, o evento em si, o grau da violência, mas o que vem depois: a não validação da situação de violência, a descredibilidade, o não reconhecimento (Silva; Bleiche, 2020 *apud* Gondar, 2012).

A experiência e a naturalização dos fatos, medidos através das situações, colocam em posição de dúvida todo o estoque de conhecimento. Deste modo, é importante considerar que as referências estavam sendo moldadas e montadas, mas apresentaram o choque ao vivenciar, na proximidade, a relação com a Covid-19.

Há uma dualidade na percepção da realidade entre o imaginário construído — no caso, o imaginário da doença — e a experiência (Merleau-Ponty, 2017). A constatação de rompimento com o sistema de relevância — elaboradas através das narrativas midiáticas ou por parte dos pares — não encontra concordância com o contato direto com a doença. Portanto, a experiência vivenciada rompeu com o conjunto de informações até então produzidas e internalizadas por agentes políticos, mídias televisivas, mídias digitais etc. Essa situação é relatada por D. Maria, ao pontuar que as informações e experiências de outras pessoas de sua rede de sociabilidade iam de encontro ao compêndio propagado por diferentes mídias.

Quando passou o mês, 40 dias por aí, a gente foi tendo a percepção que não era da maneira como tavam falando. Começamos a ver depoimento de pessoas que se infectava e tava convivendo com pai, mãe, às vezes, avô, avó e não transmitia para essas pessoas. Mas a gente começou a ver assim, realmente a doença existia, era transmitida, mas que não era esse terror todo como havia se pregado (D. Maria, entrevistada, 2022).

A produção social da dúvida inserida nos agentes sociais estava delimitada entre dois posicionamentos centrais: I) o primeiro e tal como foi sugerido ao longo do texto, no papel da mídia tradicional e as mídias digitais. A mídia tradicional, composta majoritariamente por aqueles que detém os meios televisivos e grande imprensa, estava apoiada pelo discurso científico, com o objetivo de acompanhar os novos recursos e pesquisas sobre a Covid-19; II) o principal antagonista motivado por uma pauta econômica, grupos políticos (partidos políticos apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro) e militância ligada ao bolsonarismo/trumpismo.

Esse cenário é aliado com as experiências cotidianas, das pessoas que, através da empiria, do teste em si, colaboram para a construção da ideia sobre a pandemia. D. Laura coloca em dúvida o uso de medicações sem comprovação científica da eficácia para o tratamento da Covid-19 pois, em detrimento de um outro tratamento, teve contato com a medicação um ano antes da pandemia:

Eu faço um tratamento e nesse tratamento eu comecei a tomar o hidróxido cloroquina. Tá prescrito, né? Mas [o medicamento] é associado ao minoxidil e outras coisas porque tava perdendo o cabelo, perdendo a sobrancelha. E aí eu comecei a fazer esse tratamento. Aí vem 2020, já a Covid-19, aí veio aquela polêmica do hidróxido cloroquina da televisão.

[...] assim como foi aqui em casa, a gente tem um médico de família ele tratou a gente com esse protocolo [hidróxido cloroquina, ivermectina - indicações do Governo Federal] e a gente não evoluiu para pior. Meu marido que teve assim um pouco de falta de ar, né? Então, eu acho que eles poderiam ter deixado a política de lado (D. Laura, entrevistada, 2022).

D. Laura evidencia duas situações que moldam seu entendimento sobre as informações do tratamento da Covid-19 e a pandemia: primeira, coloca em dúvida as recomendações de especialistas, já que, ela e sua família foram contaminados e fizeram uso do protocolo, não apresentaram avanço da doença; segundo, a legitimidade da indicação do protocolo do Governo Federal pelo médico da família. Adiciona-se que a relação com o médico da família apresentada pela entrevistada, não apenas direciona o entendimento de que, a legitimidade e reconhecimento a esses medicamentos também se baseia no uso de um recurso e argumento de uma autoridade: “a gente tem um médico” (D. Laura); como alguém de confiança que os acompanha ao longo do tempo.

É possível, também, evidenciar a orientação ideológico-política de D. Laura, a qual, parte do seu discurso encontra harmonia com uma corrente político-partidária. D. Laura, no período da pandemia, tava na coordenação e diretoria de uma escola: “fiquei com muita raiva assim porque a gente viu pais de nossos alunos morrerem e se tivesse sido tratado antes [com o protocolo do Governo Federal] não teria chegado esse nível” (D. Laura, entrevistada, 2022, grifo nosso).

Os elementos provenientes dos sucessivos choques dos agentes podem ser entendidos a partir do estoque de experiências que coadunam com a capacidade de reflexividade. Em outras palavras, as medidas provenientes das orientações sobre os riscos da Covid-19 e de medicações sem eficácia comprovada, encontram barreiras a partir da própria empiria e o fator reflexivo:

Eu não morri e eu sou hipertensa, porque estou acima do meu peso. Teria requisito para isso. Então, assim, eu acho que foi uma política desnecessária (D. Laura, entrevistada, 2022).

A política a qual D. Laura — crítica a partir de sua vivência experiencial²¹ — se refere, são as recomendações de isolamento e contrária ao uso medicamentos sem eficácia científica comprovada para tratamento da Covid-19 feitas pela OMS²².

Esse é o choque da infecção, pois cria uma cisão, uma ruptura, com os elementos elaborados durante a captação de informações produzidas nas mídias televisivas e digitais. A experiência própria, ou experiencial, elabora um conjunto de sensações empíricas sobre o fato, desenvolve práticas de ação e cuidado como mecanismos de proteção.

O discurso informativo midiático sobre a Covid-19 (em torno do número de vítimas da doença, de pessoas contaminadas, do uso de medicamentos, das vacinas, do isolamento social etc.) e a relação com a experiência de estar próxima da doença (nos familiares que convivem numa mesma casa) resulta em um choque entre os dois momentos, o choque do contágio. Assim, é possível construir a questão que orienta a próxima seção: como as experiências anteriores pautaram as ações e alteraram a experiência e percepção do indivíduo?

Me contaminei, “que merda é essa”?

‘Que merda é essa?’. Ai comecei a cheirar meu corpo, primeiramente meu corpo, não sentia cheiro de nada. (Diego – entrevistado)

Nesta seção, a elaboração da contaminação aparece como segundo choque: a percepção do contágio pelo vírus a partir da interrupção dos sentidos olfato e paladar. Diego (entrevistado) conta:

E minha mãe tava assando calabresa nesse dia. E eu fiquei de boas e ela desconfiou porque eu não reclamei do cheiro né. Ai ela bem assim “tu sabes o que eu tô assando, e tal?” Eu falei “não, não sei não”, ela disse “tô assando

²¹ Schutz (2018, p. 126) pontua que: “Toda vivência experiencial que co-constitui a experiência do objeto é envolta por um halo de retenções que remetem retrospectivamente a vivências passadas, e por proteções que apontam, em prospecção, a vivências advenientes”; e complementa: “Pois uma vivência experiencial referente a um objeto somente se constitui junto com uma vivência deste objeto a qual lhe antecedeu [...]”.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/01/22/ministerio-da-saude-diz-que-hidroxicloroquina-e-segura-mas-vacinas-nao-nota-tecnica-contraria-oms-e-cientistas.shtml>. Acesso em 27 mar. 2024.

calabresa, tá sentindo não?” Eu falei, “NÃO! Não estou sentindo cheiro!”, eu me lembro muito bem, eu fiquei “não, eu não tô sentindo cheiro, não acredito! Que merda é essa?” Aí comecei cheirar meu corpo, primeiramente meu corpo, não sentia cheiro de nada e eu tava sentindo muita dor de cabeça e tal, essas coisas todas, mas eu não tava com coriza nem nada... Isso me deu uma angústia muito grande. Porque eu não tava sentindo o cheiro da calabresa (Diego, entrevistado, 2022).

A existência do cheiro é uma condição para senti-lo, assim como a condição de sentir o paladar, o contato com as cores ou formas etc. (Merleau-Ponty, 2018). Um sentido abruptamente rompido não compreende, necessariamente, a construção de novos arcabouços sensoriais para que seja apreendido, mas configura-se como uma outra maneira de estar no mundo (Merleau-Ponty, 2018). Mesmo com a incitação dos sentidos, levando-os aos extremos em situações da perda do sentir, o sujeito buscará o sentir, a experiência sensorial presente em seu estoque de conhecimento de diferentes formas.

O caso de Diego evidencia essa ação experiencial da relação entre a prática do sentir e a experiência elaborada anteriormente. Isso ocorre com a relação que tem no momento de preparo de um alimento: a calabresa. O odor provocaria repulsa em seu olfato e posteriores reclamações. Esses aparecem como os fatores reproduzidos no discurso presente nas experiências e memórias de Diego. O choque de perceber que não sentiu o cheiro de calabresa, algo que comumente causa estranheza para ele, foi um indicador de ruptura de sua consciência e atenção.

Essa é a relação refletida através do corpo, como um sujeito da percepção, da experiência, um sujeito corpóreo (Ingold, 2012), compreendido em termos de sentidos, subjetividade, intuição e memórias. Dessa forma, o conjunto de situações promovidas pela Covid-19, desenvolveram práticas de atenção com os sentidos do corpo: a atenção para a textura, temperatura, aparência dos alimentos, ou mesmo nas reações de outras pessoas em momentos específicos, corriqueiros e lembranças (Merleau-Ponty, 2018).

O choque da percepção do contágio vivido como um desarranjo do sistema corporal, e quebra do sistema de referências, cujos sintomas mais fortes são de não perceber o cheiro e o sabor, pode ser expresso pelo corpo através de bloqueio de tais sentidos por tempo prolongado, diferente de quando se vive crises alérgicas, que ao desobstruir as vias nasais, recupera-se a capacidade dos sentidos olfato e paladar. Destaca-se que a anosmia provocada pela Covid-19 não ocorre por obstrução do nariz, mas o da ruptura com a percepção dos sentidos provocados por elementos externos. O retorno da

sensação, como será abordado na seção seguinte, vai de encontro com as memórias elaboradas e vivenciadas:

O gosto das coisas ficava ruim. Assim, sem gosto. Depois que passou o período né, os 14 dias, sei lá de tratamento, eu continuei não sentindo, não sentia: nem cheiro de café. Quando ia fazer o café, não sentia nada, eu comia porque eu tinha que comer, mas eu não tinha paladar, eu não tinha olfato (D. Laura, entrevistada, 2022).

Em uma perspectiva *merleau-pontyana*, a percepção não vai além dos limites dos sentidos, o processo corporificado da percepção é a experiência do corpo no mundo. Ao bloquear esses sentidos, o corpo comunica, se expressa; poderíamos interpretar tal fato como expressão da emoção vivida pelo choque, ainda que inicial, da pandemia, e toda a situação coletiva e individualmente experimentada.

Essa percepção individual, em encontro com a memória, atua com base nos conhecimentos prévios sobre determinados itens. Por mais que o choque da ausência do sentido não anunciasse um cheiro agradável ou não, o conhecimento prévio estocado informava que, mesmo quando as sensações despertavam outros entendimentos, como a sensação de algo estragado, é preciso sentir.

Como se tivesse estragado mesmo, quando você faz uma comida ali e não bota na geladeira ela vai ser alterada. Comida estragou, não serve mais. Então para mim o perfume estragou e não serve mais. Não tenho prazer (D. Maria, entrevistada, 2022).

Não tava sentindo cheiro, mas sabia que eram cheirosos (D. Laura, entrevistada, 2022).

Mesmo com a interrupção da sensação, a elaboração das experiências com o uso de produtos de limpeza e perfumes, alimentação ou hábitos de higiene do cotidiano, estimulam a reprodução:

Sim, continuei usando os mesmos produtos. Não tava sentindo cheiro, mas sabia que eram cheirosos. Continuei me importando. Tipo, o amaciante, o desodorizador de ambiente, desinfetante, xampu, tudo direitinho. (D. Maria, entrevistada, 2022)

Não tava sentindo cheiro, mas sabia que eram cheirosos (D. Laura, entrevistada, 2022).

Essas respostas foram dadas quando perguntamos aos interlocutores como perceberam que perderam o olfato e paladar; e se continuavam tendo os mesmos hábitos de antes do fato. A resposta de D. Maria evidencia que, baseada na experiência anterior e nessa memória, ela manteve o hábito de usar os produtos de limpeza que deixavam suas roupas, sua casa e seu corpo com cheiro agradável. A experiência e o estoque de conhecimento prevalecem e a continuidade na ação racional do uso dos produtos e dos alimentos, como um conjunto de regras de sociabilidade e mesmo que não haja percepção ou que seja executada uma ação para um momento de sociabilidade, os corpos inseridos de regras propagam e promovem a manutenção de uma ação aprendida durante a vivência experiencial.

Que cheiro é esse? “Putá merda! A calabresa!!”

Eu nunca gostei tanto de sentir o cheiro da calabresa. Foi uma coisa assim, como a calabresa era muito forte, então eu senti muito forte aquele cheiro vindo pro meu quarto (Diego, entrevistado, 2022).

De que maneira as memórias estão inscritas nos corpos? E de que maneira a recuperação ou retorno gradual dos sentidos tem relação com a memória? Salete Nery (2016) pontua que: “Tal memória está inscrita nas diferentes coisas do e no mundo que agem a memória tacitamente, atualizando socialmente os significados em conformidade com as situações vividas e as emoções a elas associadas” (Salete, 2016, p. 20). Ou seja, desenvolvemos maneiras de operar a memória social.

O choque da perda dos sentidos naturalizados e reproduzidos no cotidiano, sinaliza o rompimento com o estoque de conhecimento e sistema de referência acessado para o desenvolvimento de alguma prática. Ou seja, as impressões e estímulos garantem a produção e (re)produção do ato e do saber de um sentido. Schutz (1979) nos lembra que o retorno a alguma atividade após um episódio traumático não figurará um entendimento por completo, pois, após visualizar um Estado de exceção, em sua ausência de regras, o voltar-se-para estará em crise diante do entendimento dos outros sobre a situação vivência por alguém que vivenciou uma situação traumática.

A ausência de novos fatores, como o esquecimento, pode surgir. Essa experiência é formulada ao longo do fluxo de duração²³ e aprendida a partir dos elementos de reflexividade²⁴. Esse conflito entre a memória anterior e a experiência no aqui e agora é um fator de destaque no discurso dos entrevistados ao suspender seu próprio conhecimento “eu sabia”:

Eu sabia que aquilo, ou eu sabia ou eu senti que aquilo era doce ou que era salgado, eu sempre comia aquilo (Diego, entrevistado, 2022).
Mas não é o cheiro que eu...eu tenho a memória. Mas aquele cheiro que eu tava sentindo ali era como se o perfume tivesse estragado... Aí eu fui tentar comprar ele para tentar usar de novo, que o cheiro não é o mesmo pra mim (D. Laura, entrevistada, 2022).

Tanto Diego como D. Laura apresentam esse conflito no discurso: o conflito entre a experiência do sentido e o conhecimento imprimido na memória e no corpo aparecem como elementos opostos nas narrativas, pois a percepção dialoga com a memória, evidenciando a falta de consenso entre os dois. Em outras palavras, a memória insere expectativa por um conhecimento prévio da experiência ou sentido que será vivido, mas, ao menor toque, não encontra aquilo que esperava. Isso, tal como proposto por Merleau-Ponty, ocorre, pois, a percepção é indeterminada por natureza:

A consciência se projeta num mundo físico e possui um corpo, enquanto ele se projeta num mundo cultural e possui hábitos: pois não pode ser consciência sem jogar com as significações dadas, seja no passado absoluto da natureza ou no seu próprio passado pessoal, e porque qualquer forma de experiência vivida tende a uma certa generalidade, seja a de nossos hábitos ou aquela de nossas funções corporais (Merleau-Ponty, 1962, p. 137).

O retorno gradual dos sentidos acontece em dois momentos: a percepção do sentido e a experimentação para comprovação. Aqui, as narrativas também aparecem sobre o sabor “agudo” ou forte dos alimentos.

²³ Fluxo de duração aparece no pensamento de Schutz pontuando que a história e os movimentos cotidianos são pautados em uma continuação ou *continuum*.

²⁴ Esses mesmos sentidos podem ser vistos nos elementos de *habitus* propostos por Bourdieu em “A distinção”. E a partir do aprendizado de uma vivência experiencial, tal como mencionado por Schutz (2019): a reflexividade faz com que os agentes aprendam as experiências empíricas ou não.

Quando ela tava assando a calabresa, eu tava deitado, e aí senti o cheiro, falei, puta merda... como a calabresa era muito forte, então eu senti muito forte, aquele cheiro vindo pro meu quarto. Quando eu “vi” aquele cheiro vindo pro meu quarto eu abri a porta, aí eu senti, aí vi que tava voltando! (Diego, entrevistado, 2022).

O “voltar-se-para” o encontro com os sentidos dos sabores e olfatos aparecem como elementos que passaram por um processo traumático. Deixaram de sentir e passaram a buscar nos elementos da memória, o encontro com a percepção, aquilo que já estava imprimido no sistema de referência. Esse sentido sofreu alterações (a indeterminação da percepção), pois, a manutenção desse sentido foi interrompida e ao retorno recebem um valor distinto, um valor de importância. Nesse ponto, vamos de encontro com um valor moral discursivo, de uma valorização da percepção que deixou de sentir; a percepção nunca vai além das possibilidades daquilo que percebe (Merleau-Ponty, 1962).

Sinto falta do gosto que eu sentia antes. É como se não fosse feijoadada. É como se fosse um outro feijão. Eu não sei te dizer (D. Laura, entrevistada, 2022).
É igual a visão. Você enxerga bem, quando começa a perceber que não tá enxergando bem, é a mesma coisa a questão do olfato e do paladar. Pensa, ‘eu sempre gostei da minha casa cheirosa, gosto do perfume, do xampu, do cheiro bom do hidratante’, e que sentido faz usar e não perceber diferença, tá tudo do mesmo jeito. Não tem diferença. É realmente preocupante viver sem sentir cheiro e sem sentir o gosto (D. Maria, entrevistada, 2022).
Quando foi voltando as comidas começaram a ter outro sentido assim pra mim sabe, de eu saborear, de eu sentir o que tinha. Porque as vezes eu só comia, mas eu sentia tudo que tinha ali dentro (Diego, entrevistado, 2022).

Assim como o retorno para uma localidade anteriormente vivenciada produz conflitos entre a relação da experiência anterior com a lembrança atual no aqui-e-agora, nota-se que o retorno do sabor estabelece um conflito tal qual o retorno. O exemplo de um retorno para uma localidade pode ser visto nas noções de estrangeiro proposta por Alfred Schutz (1979), do retorno ao lar e das discrepâncias entre o sistema de referência e a memória.

D. Laura relata que, antes da pandemia, ela amava comer feijoadada. Comia na casa da mãe ou da sogra, e conta com entusiasmo como gostava de comer esse feijão em momentos de confraternização de fim de semana. Porém, após a experiência de perder

olfato e paladar por causa da Covid-19, e mesmo recuperando os sentidos, ela não tem mais prazer, e que agora “come por comer”.

Eu nunca fiz feijoada aqui em casa, era sempre na casa de minha sogra, na casa de minha mãe ou no restaurante. Mas eu nem gostava muito de restaurante, era feijoada na casa de minha sogra. Ela sempre faz num aniversário, uma coisa assim que junta a família toda, sempre tem uma feijoadinha. Mas eu como hoje mais por comer, não tenho mais o mesmo prazer (D. Laura, entrevistada, 2022).

Essa situação sinaliza os efeitos além da perda do paladar, mas também de conflitos entre a própria memória, o espaço de sociabilidade e a relação com sabor. Sinaliza os múltiplos efeitos provocados pela pandemia.

Para D. Laura, a relação com a feijoada vai além do sabor, mas encontra nas relações com familiares a produção do prazer no ato de comer, que intermedia a relação com o próprio alimento. O fazer “feijoada” e uma “feijoadinha” tem um conjunto de variáveis situações que elabora a distinção entre as duas situações. E, por fim, a própria relação com o alimento: o primeiro, no espaço doméstico em situações cotidianas e corriqueiras com familiares; o segundo, no espaço público com diferentes camadas e situações de confraternização.

O experienciar de um sabor, a percepção do que estava naturalizado e internalizado, permeado por um conjunto de sociabilidades construtoras das formas do sentir, passaram, também na experiência de D. Maria e Diego, a ter outros significados, ou perderam o sentido que um dia tiveram. Diferentes situações apresentaram outras facetas após a anosmia. Fato que não se restringe apenas ao olfato e paladar, mas das socializações em decorrência do isolamento social. O próprio gosto, não apenas reduzido ao alimento, mas nas relações e momentos de felicidade.

Conclusão

Para Maurice Merleau-Ponty (2018), a sensação é a maneira pela qual somos afetados, é a experiência de um corpo no mundo, que é social só por existir. O cheiro da casa de vó, de alguma comida específica, de café quando está sendo coado, da casa e de roupas limpas são cheiros comuns que podem remeter a memórias de momentos e pessoas. Assim como também os sabores fazem parte da vida social criando memórias e referências, provocando sensações, emoções, sentimentos.

A experiência traumática provocada pela Covid-19 aparece como um conjunto de choques vividos ao longo do tempo, alterando a percepção e produzindo um conjunto de condicionantes e atenções como mecanismos de proteção. Visualizamos quatro choques em quatro momentos distintos das histórias narradas: o choque midiático — provocado pelo excesso de informações, por uma disputa narrativa e pela verdade; o choque do contágio — que elabora um contraponto com o choque midiático por promover um conjunto de experiências empíricas e sensoriais que entram em conflito com informações elaboradas; o choque da interrupção — promovendo práticas e encontros com a memória e os conhecimentos prévios, mesmo na ausência da percepção; por fim, o choque do retorno e a busca pelo encontro do sentido prévio, aquele presente nas memórias.

O retorno dos sentidos é experienciado como uma outra percepção do mundo, ao passo que alguns odores deixam de fazer sentido, assim como alimentos que marcaram a comensalidade e formas de interação e sociabilidade, tiveram alterações na representação e lugar que ocupavam no cotidiano. A pandemia aparece como divisor de águas, apresentando uma ruptura entre um momento e outro.

À medida que a pandemia se desenrolou, as experiências individuais e coletivas passam pelo arrefecimento do choque inicial, o que leva a naturalização dos fatos, e uma constante revisão das percepções fornecidas por algo a mais do que informações confusas.

As narrativas são vistas em um padrão de pessoas: viveram com a doença, mas não tiveram casos de óbitos na família nuclear ou extensiva. Desta maneira, uma nova questão surge: será que este estudo tem potência de estender seu entendimento para outros núcleos e perfis? A hipótese, neste caso, é nula. Parte das experiências e percepções no grupo apresentado nesse estudo, frente à Covid-19, tiveram suas produções de choques quando o contato próximo com casos ocorreu. Essa é uma hipótese nula e deve ser elaborada a partir da comparação com a experiência de pessoas que tiveram casos de óbitos dentro da sua rede de sociabilidade. A proximidade com a doença e a observação de casos em que a transmissão não ocorreu dentro das famílias contribuíram para uma reavaliação da gravidade da situação. O medo deixou de fazer parte como em um outro momento já esteve presente: a produção social do medo — através da infodemia (Garcia; Duarte, 2020) — sendo ocupado pela experiência da vivência: “não era esse terror todo como havia se pregado” (D. Maria, entrevistada, 2022).

Referências

AGAMBEN, Giorgio; ZIZEK, Slavoj; NANCY, Jean Luc; BERARDI, Franco "Bifo"; LÓPEZ PETIT, Santiago; BUTLER, Judith; BADIOU, Alain; HARVEY, David; HAN, Byung-Chul; ZIBECHI, Raúl; GALINDO, María; GABRIEL, Markus; YÁÑEZ GONZÁLEZ, Gustavo; MANRIQUE, Patricia; PRECIADO, Paul B. *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias*. Madrid: ASPO, 2020. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/defil/wp-content/uploads/sites/67/2020/05/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus Editora, 1996.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de; COELI, Claudia Medina. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. *Physis [online]*, v. 30, n. 2. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Y9rxTRzQZkvCdjTsFK6gX3f/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2023.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020186, 2020. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400001. Acesso em: 10 mar. 2023.

GLASSNER, Barry. *The Culture of the Fear: why Americans Are Afraid of the Wrong Things*. New York: Hachette Book Group, 2000.

GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo; LOZANO, Marie-Anne Leal. Finalizando a primeira série do boletim cientistas sociais e o coronavírus: um balanço inicial. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 24-31.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: o capitalismo digital e a crescente alienação da vida*. Petrópolis: Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: INGOLD, Tim. *Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. p. 15-29.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

KELLY, Ann H.; KECK, Frédéric; LYNTERIS, Cristhos. *The anthropology of epidemics*. New York: Routledge, 2018.

KLEINMAN, Arthur. *The illness narratives: suffering, healing, and the human condition*. New York: Hachette Basic Books, 1988.

KLEINMAN, Arthur. *Social suffering*. Berkeley: Ed. University of California Press, 1997.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 401-422.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. London: Routledge and Kegan Paul, 1962.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. São Paulo: Autêntica Editora, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

NERY, Salete. Memória e Odores: o debate entre biologia e sociologia em Norbert Elias como inspiração à compreensão dos usos sociais do olfato. *Arquivos do CMD*, [S. 1], v. 4, n. 1, p.14–37, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/9155>. Acesso em 28 mar. 2024.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Medo Global. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 103-107. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217998>. Acesso em: 17 out. 2023.

RUI, Taniele.; FRANÇA, Isadora Lins.; MACHADO, Bernardo Fonseca; ROSSI, Gustavo; ARRUTI, José Maurício. Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 59, p. 27-47, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/4904?lang=en>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SEGATA, Jean; SCHUCH, Patrice; DAMO, Arlei; VÍCTORA, Ceres. *A Covid-19 e suas múltiplas pandemias*. *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 59, p. 7-25, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/ZSsWb6QvgTgttGRv8X9RLFR/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SCHAEFER, Bruno M. Identificação partidário-ideológica e a covid-19: evidências recentes. *In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. Cientistas Sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 88-92.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. *In: WAGNER, Helmut R. (Org.). Textos Escolhidos de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 53-71.

SCHUTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2018.

SILVA, Jéssica Fernandes; BLEICHER, Taís. Trauma na epidemia brasileira de covid-19: Contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 54, n. 3, p. 95-106, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000300009. Acesso em: 10 mar. 2023.

SOARES, Felipe Bonow; BONOTO, Carolina; VIEGAS, Paula; SALGUEIRO, Igor; RECUERO, Raquel. Disputas discursivas e desinformação no Instagram sobre o uso da hidroxicloroquina como tratamento para o Covid-19. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0550-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Recebido em 30 de julho de 2023

Aceito em 19 de janeiro de 2024